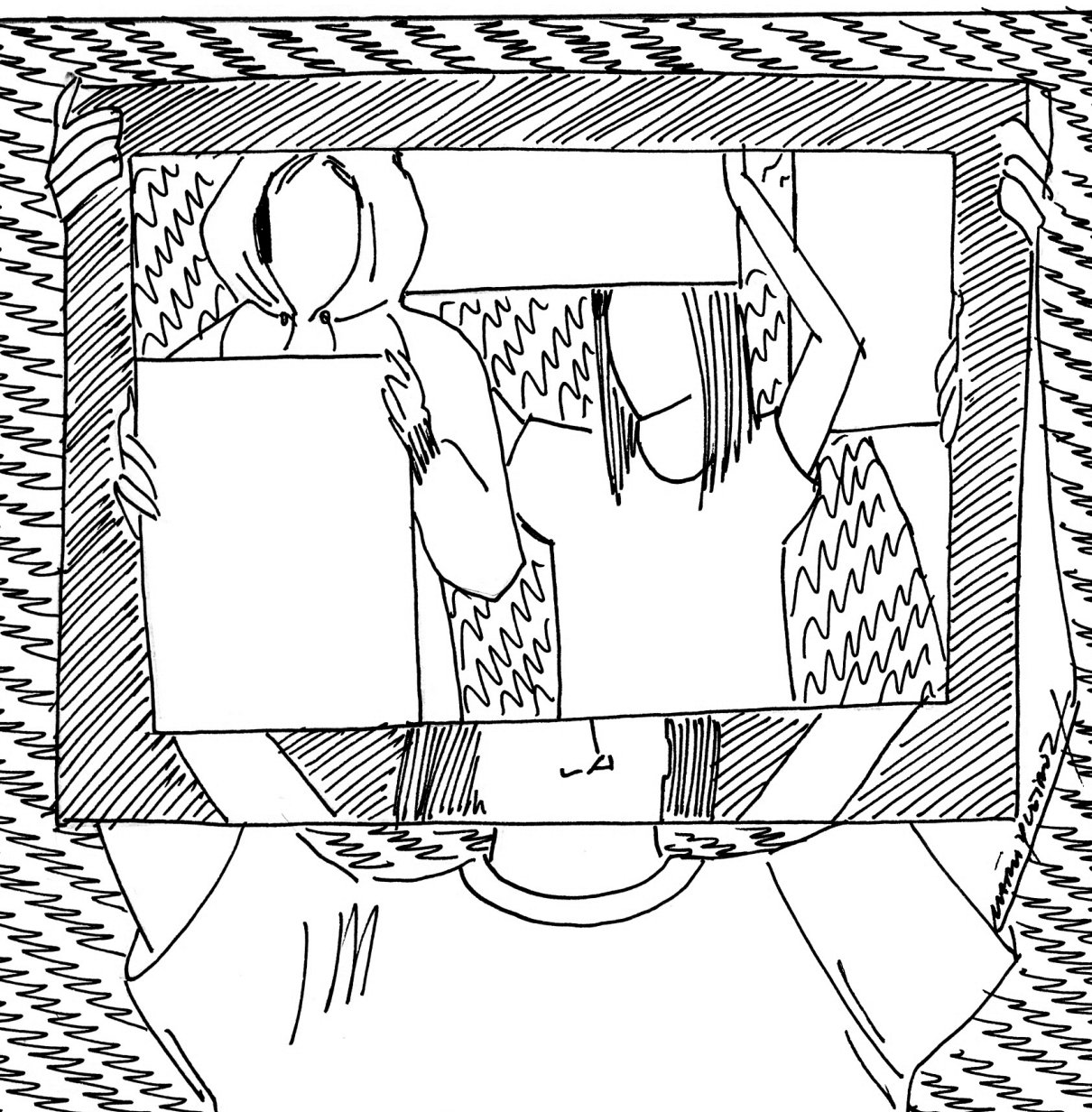


[MARIO QUEIROZ]

Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e doutorando pelo mesmo programa. Professor, estilista e consultor de moda. Como designer, desenvolveu trabalhos em diversos setores. Há dezoito anos sua marca participa de grandes eventos no país. É autor do livro *O herói desmascarado*.
E-mail: marioqueiroz@marioqueiroz.com.br

“Vem pra rua, vem!”



Há mais de trinta anos, fala-se que a inspiração dos designers de moda vem das ruas e que são elas as verdadeiras passarelas do nosso tempo. Quando o fascínio exercido pelas ondas foi desviado para os "surfistas" do asfalto, surgiu o termo *streetwear*. Esse segmento atingiu principalmente os adolescentes e as roupas dos skatistas – modelagens mais amplas com cores da cidade, onde o cimento se misturava aos grafites – e passou a influenciar mesmo quem nunca tinha pisado numa prancha. A cueca aparente inspirou Karl Lagerfeld em suas criações elegantes para a Chanel, lembrando um movimento anterior, quando os estilistas japoneses invadiram Paris com suas roupas com ares de mendigos. Ainda no *streetwear*, vale destacar as *perfectos* de couro com seu espírito rebelde do rock que cederam espaço para as sobreposições *grunges*. As lojas que vendiam bermudas de náilon e camisetas coloridas nunca mais foram as mesmas *surfshops*, nem mesmo na Califórnia.

Em 2013, as ruas viraram novamente o centro da atenção aqui no Brasil, quando uma explosão de manifestos contra o governo atendeu a convocação do movimento comandado pela internet. Milhares de pessoas tomaram as ruas, segurando cartazes improvisados por elas mesmas, gritando palavras de ordem como "Vem pra rua, vem!". Foram dias emocionantes de manifestações midiáticas repletas de imagens inesquecíveis.

Morando próximo à Avenida Paulista, em São Paulo, pude vivenciar algo incrível: pela televisão, eu assistia ao que acontecia ao meu redor e em outras capitais do país; da minha janela, ouvia o chamado da passeata, assim eu – como muitas outras pessoas – era observador e participante, sim, porque também atendi ao chamamento "Vem pra rua, vem!".

Da televisão, lembro-me de três imagens impactantes que nenhum grande produtor conseguiria construir. A primeira foi a tomada do Planalto pela multidão. Brasília, com sua arquitetura intacta, naquele momento estava repleta de gente entre suas linhas e curvas. A cena mais impressionante foi a das sombras gigantes sobre as cúpulas do Congresso.

A segunda aconteceu em São Paulo. A maravilhosa Avenida Paulista, palco de todas as manifestações, mais uma vez recebeu o povo que das calçadas invadiu o lugar dos carros. A tecnologia contribuiu para aumentar a emoção – as câmeras "voadoras" ofereciam, ao mesmo tempo, uma imagem totalizante da multidão e detalhes de pessoas caminhando; de um lado, a imagem lembrava um formigueiro; de outro, o foco era cada indivíduo.

Por último, o momento tenso em que a multidão quis invadir a Prefeitura de São Paulo. Em tempo real, foi possível acompanhar a massa de pessoas ameaçando a fileira de policiais que tentavam proteger a entrada do prédio. A pressão, a tensão, o grupo de jovens organizadores tentando tornar a manifestação pacífica e os vândalos. Os policiais acabaram recuando, entraram no prédio, e naquele momento a câmera "voadora" mostrou o "show" violento que um homem realizava depredando os vidros. De camisa branca com manga curta, dobra da manga virada, e calça justa, o homem se colocou no foco dos fotógrafos. Ele se distinguia da



massa usando uma máscara de gás, parecia um praticante de lutas marciais querendo seu minuto de fama.

Na massa, ninguém se destacava pela forma de se vestir. Em sua maioria, as pessoas saíam do trabalho direto para as passeatas. Assim, as gravatas se misturavam às camisetas, os paletós, aos moletons. O capuz era um aliado dos manifestantes mais agressivos que queriam ocultar seus rostos da exposição da mídia e também foi útil na proteção contra as bombas de gás lacrimogêneo disparadas pela polícia.

O uniforme do Batalhão de Choque causava certo terror – capacete, escudo, macacão e todos os acessórios parecem sair de quadrinhos de ficção ou de filmes como *O Exterminador do Futuro*. Na missão de impor a ordem, esse visual aparentava uma ameaça.

Colocar os pés na Avenida Paulista numa das noites mais intensas das manifestações parecia impossível, mas julguei uma questão de honra, e outras centenas de pessoas que subiam a Rua Augusta, tudo indica, pensavam o mesmo. No meio daquela massa, cercado por tantas pessoas, tentando caminhar, mesmo diante da dificuldade de dar um único passo, a sensação é de que éramos tão semelhantes... uma grande alegria e uma surpresa, afinal eram as mesmas pessoas que andam conosco pelas ruas sem nenhum contato, comunicação e de repente nossos corpos estavam colados.

Diferentemente do Carnaval ou de uma situação de emergência, ninguém estava participando de uma festa nem fugindo. A ideia de que não há diferença de idade, sexo e cor se materializa, mesmo São Paulo sendo essa cidade miscigenada; naquele momento a distinção não importava, não era possível detectar como era o look de cada um. Os mais jovens, que nem eram nascidos quando das últimas grandes manifestações políticas brasileiras, capricharam e recorreram à moda para trazer em seus corpos algo que demonstrasse contestação e indignação. Outros, que vivenciaram os movimentos das Diretas Já e do impeachment do Collor, pintaram os rostos.

No momento em que a crise da representação política é uma das maiores lições que podemos tirar desse movimento histórico, a moda passa pelo mesmo questionamento. Dentro desse contexto, as etiquetas das roupas pouco importam, a exposição de logomarcas soa a "colonialismo" ou, no mínimo, a mau gosto, bem como a compra de peças copiadas ou falsas. Nenhuma grife representa qualquer ideologia, o próprio fascínio da imagem de moda se dissolve com a superexposição nas mídias digitais, nos shoppings centers, as lojas parecem todas iguais, dia a dia desaparecem as lojas multimarcas, e as dificuldades dos designers em manter seus próprios negócios são cada vez maiores. Essa situação é mundial, não ocorre apenas no Brasil. Ainda assim, atualmente, a moda é construída nas ruas.

Naquela noite agitada, depois de ter conseguido pôr meus pés na Avenida Paulista, voltava para casa quando vi três meninos levantando seus skates e gritando "Vem pra rua, vem!". Não tinham mais do que quatorze anos, se vestiam com a mesma elegância-despojada que fez o *streetwear* influenciar a moda nos anos 1980. Já era tarde, e, sozinhos no meio da rua, pareciam anjos avisando que o movimento estava apenas começando.

